

# Baú de ossos



Pedro Nava

APRESENTAÇÃO

André Botelho

NOTA

Carlos Drummond de Andrade

POSFÁCIO

Davi Arrigucci Jr.

Copyright © 2012 by Paulo Penido / Ateliê Editorial  
Publicado sob licença de Ateliê Editorial.  
Estrada da Aldeia de Carapicuíba, 897 Cotia, SP — 06709-300  
Copyright da apresentação © André Botelho  
Copyright da nota © Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond  
www.carlosdrummond.com.br  
Copyright do posfácio © Davi Arrigucci Jr.

Todos os direitos reservados

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Capa e projeto gráfico*  
Elisa v. Randow

*Imagem de capa*  
Obra sem título de Marina Rheingantz, lápis de cor sobre papel, 20 x 27,9 cm

*Imagem de quarta capa*  
Fundação Casa de Rui Barbosa / Arquivo Museu de Literatura Brasileira.  
Reprodução de Ailton Alexandre da Silva

*Pesquisa iconográfica*  
André Botelho  
André Bittencourt

Imagens do Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa/ Arquivo Museu de Literatura Brasileira.  
Reprodução de Ailton Alexandre da Silva

*Preparação*  
Claudia Agnelli

*Índice onomástico*  
Luciano Marchiori

*Revisão*  
Isabel Jorge Cury  
Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Nava, Pedro, 1903-1984.  
Baú de ossos / Pedro Nava ; apresentação André Botelho ; nota Carlos Drummond de Andrade ; posfácio Davi Arrigucci Jr. —  
1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

ISBN 978-85-359-2030-7

1. Autores brasileiros — Biografia 2. Memórias autobiográficas  
3. Nava, Pedro, 1903-1984 I. Botelho, André. II. Andrade, Carlos Drummond de, 1902-1987. III. Arrigucci Junior, Davi. IV. Título.

---

12-00384

CDD-869.98

Índices para catálogo sistemático:

1. Autores brasileiros : Memórias : Literatura brasileira 869.98
2. Autores brasileiros : Reminiscências : Literatura brasileira 869.98

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.  
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32  
04532-002 — São Paulo — SP  
Telefone: (11) 3707-3500  
Fax: (11) 3707-3501  
www.companhiadasletras.com.br  
www.blogdacompanhia.com.br

	<i>As Memórias de Pedro Nava: autorretrato e interpretação do Brasil,</i> <i>por André Botelho</i>	7
	<i>Baú de surpresas,</i> <i>por Carlos Drummond de Andrade</i>	21
<b>Baú de ossos</b>	1. Setentrião	33
	2. Caminho Novo	129
	3. Paraibuna	219
	4. Rio Comprido	333
	<i>MóBILE da memória,</i> <i>por Davi Arrigucci Jr.</i>	433
	Árvore genealógica	475
	Índice onomástico	479

## 1. Setentrião

Eu sou um pobre homem da Póvoa do Varzim...

EÇA DE QUEIRÓS, *carta a João Chagas*

EU SOU UM POBRE HOMEM do Caminho Novo das Minas dos Matos Gerais. Se não exatamente da picada de Garcia Rodrigues, ao menos da variante aberta pelo velho Halfeld e que, na sua travessia pelo arraial do Paraibuna, tomou o nome de rua Principal e ficou sendo depois a rua Direita da Cidade do Juiz de Fora. Nasci nessa rua, no número 179, em frente à mecânica, no sobrado onde reinava minha avó materna. E nas duas direções apontadas por essa que é hoje a avenida Rio Branco hesitou a minha vida. A direção de Milheiros e Mariano Procópio. A da rua Espírito Santo e do Alto dos Passos.

A primeira é o rumo do mato dentro, da subida da Mantiqueira, da garganta de João Aires, dos profetas carbonizados nos céus em fogo, das cidades decrépitas, das toponímias de angústia, ameaça e dúvida — Além Paraíba, Abre Campo, Brumado, Turvo, Inficionado, Encruzilhada, Caracol, Tremedal, Ribeirão do Carmo, Rio das Mortes, Sumidouro. Do Belo Horizonte (não esse, mas o outro, que só vive na dimensão do tempo). E do bojo de Minas. De Minas toda de ferro pesando na cabeça, vergando os ombros e dobrando os joelhos dos seus filhos. A

segunda é a direção do oceano afora, serra do Mar abaixo, das saídas e das fugas por rias e restingas, angras, barras, bancos, recifes, ilhas — singraduras de vento e sal, pelágicas e genealógicas — que vão ao Ceará, ao Maranhão, aos Açores, a Portugal e ao encontro das derrotas latinas do mar Mediterrâneo.

Além de dar assim leste e oeste para a escolha do destino, a rua Direita é a reta onde cabem todas as ruas de Juiz de Fora. Entre o largo do Riachuelo e o alto dos Passos, nela podemos marcar o local psicológico da rua do Sapo, da rua do Comércio, da rua do Progresso, da rua do Botanágua, com a mesma precisão com que, nos mapas do seu *underground*, os logradouros de Londres são colocados fora de seu ponto exato, mas rigorosamente dentro de sua posição relativa. É assim que podemos dividir Juiz de Fora não apenas nas duas direções da rua Direita, mas ainda nos dois mundos da rua Direita. Sua separação é dada pela rua Halfeld.

A rua Halfeld desce como um rio, do morro do Imperador, e vai desaguar na praça da Estação. Entre sua margem direita e o alto dos Passos estão a Câmara; o fórum; a Academia de Comércio, com seus padres; o Stella Matutina, com suas freiras; a matriz, com suas irmandades; a Santa Casa de Misericórdia, com seus provedores; a cadeia, com seus presos (testemunhas de Deus — contraste das virtudes do Justo) — toda uma estrutura social bem pensante e cafardenta que, se pudesse amordaçar a vida e suprimir o sexo, não ficaria satisfeita e trataria ainda, como na frase de Rui Barbosa, de forrar de lã o espaço e cair a natureza de ocre. Esses estabelecimentos tinham sido criados, com a cidade, por cidadãos prestantes que praticavam ostensivamente a virtude e amontoavam discretamente cabedais que as gerações sucessivas acresciam à custa do juro bancário e do casamento consanguíneo. A densa melancolia dessas instituições transmitia-se aos que as mantinham — criação agindo poderosamente sobre os criadores e seus descendentes que levavam vida impenetrável nas suas casas trancadas, frequentando-se só nos apostolados e nas empresas, não conhecendo as passeatas noturnas da rua Halfeld, as cervejadas alegres do Foltran (a que era pontual o dr. Luís Gonçalves Pena), o Cinema Farol, o Politeama e o Club Juiz de Fora (onde estalavam carambolas de bilhar e o leque ciumento brandido por d. Cecinha Valadares na cara das sirigaitas que atiçavam o Chico Labareda). Alguns se descomprimiam jogando florete, outros

caçando macuco, de paletó e boné de veludo, ou atirando aos pratos, aos pombos. Honrados, taciturnos, caridosos, castos e temperantes, esses ricos homens traziam geralmente na fisionomia um ar de fadiga, de contenção e de contraída tristeza que só não se via na face radiante daqueles que carregavam secretamente o remorso adquirido nas viagens frequentes ao Rio de Janeiro — onde muito se podia.

Já a margem esquerda da rua Halfeld marcava o começo de uma cidade mais alegre, mais livre, mais despreocupada e mais revolucionária. O Juiz de Fora projetado no trecho da rua Direita que se dirigia para as que conduziam a Mariano Procópio era, por força do que continha, naturalmente oposto e inconscientemente rebelde ao alto dos Passos. Nele estavam o parque Halfeld e o largo do Riachuelo, onde a escuridão noturna e a solidão favoreciam a pouca-vergonha. Esta era mais desoladora ainda nas vizinhanças da linha férrea, onde a rua Hipólito Caron era o centro do deboche e um viveiro de treponemas. Havia fábricas, como a do Eugeninho Teixeira Leite, e a mecânica, onde homens opacos se entregavam a um trabalho que começava cedo e acabava tarde no meio de apitos de máquinas e das palmadas dos couros nas polias. Foi dali e do lado do largo do Riachuelo que vi, um dia, bando escuro vir desfilar desajeitadamente na rua Direita, com estandartes, cantos e bandeiras (tão lento que parecia uma procissão!) e ser dispersado a espalderadas diante da casa de minha avó, que aplaudia da janela a destreza dos policiais. Ouvi pela primeira vez a palavra greve — dita por uma de minhas tias, tão baixo e com um ar de tal escândalo, que pensei que fosse uma indecência igual às que tinha aprendido no Machado Sobrinho, e corei até as orelhas. Mas pior, muito pior que as fábricas onde os descontentes queriam ganhar mais do que precisavam; pior que o Cinema Farol e o Politeama onde se tentavam timidamente os ensaios precursores da bolina (o Politeama viu o primeiro mártir dessa arte nacional desmaiar de dor na sua plateia: marido furibundo lhe empolgara com um alicate dedo da mão audaciosa que se insinuara nas anáguas da mulher, para apertá-lo tão duramente e em tão demorado silêncio que ficaram esmagadas as carnes e quebrados os ossos do moço advogado), pior que os bordéis, pior que os colégios leigos e que o desaforo do colégio metodista para meninas, pior que a Cervejaria Weiss animada por Brant Horta, Amanajós de Araújo e Celso d'Ávila com guitarras, descantes, declamação de versalhada e as chegadas dos tálburis carregados de

“mulheres-damas” — era a maçonaria. Sua loja ficava em plena rua Direita, entre as do Imperador e da Imperatriz, como desafio permanente ao clero diocesano e aos cristãos-novos e velhos do alto dos Passos.

Para cólera-que-espuma da sogra (“Cachorrão! Coitada da minha filha...”), repugnância das cunhadas (“Pobre de nossa irmã, casada com bode preto!”), consternação de minha Mãe (“Nossa Senhora, que pecado!”) e escândalo da cidade (“Pobre moça! Também, casar com nortista...”) e animado por nosso primo Mário Alves da Cunha Horta, pedreiro-livre emérito, meu Pai ousara tripingar-se! Primeiro, cavaleiro da rosa-cruz. Depois, da águia branca e negra. E frequentava noitantemente a casa maldita, sempre escura, de janelas e portas herméticas. Lembro-me bem: quando lhe passava em frente, com minha Mãe, ela descrevia uma curva prudente, largava o passeio e tomava a sarjeta para distanciar-se dos óculos gradeados do porão onde, diziam, havia um negro caprino cevado com carne podre de anjinhos e cujo bafo enxofrado era fatal.

Era de arrepiar, ouvir o Mário descrever as cerimônias iniciáticas daquele oriente... Nada, absolutamente nada se comparava aos horrores por que ele tinha passado. Pura brincadeira o que Tolstói descrevia na *Guerra e paz*. Pilhéria, água com açúcar, o que Alexandre Dumas traçava no *José Bálamo*. Ele mesmo, Mário, filho do coronel Chico Horta e de d. Regina Virgilina, ali, em Juiz de Fora, depois de provações tremendas, de contatos cadavéricos, de ordálias de gelo, fogo, escuridão e vácuo, exausto, sentira-se finalmente arrebataado pelos cabelos, pelas orelhas, e esfofinhado à beira de um vórtice profundo. Os olhos, vendados, pés e mãos lhe fugindo na ribanceira movediça. E o vento. Em rodamoinhos, fazendo ruflar mortalhas e pendões. Ele não sabia bem se estava no morro do Imperador, nos altos da Mantiqueira, no pico do Cauê ou nos serrotes do Itatiaia! “Pula, irmão!” — ordenava-lhe voz cavernosa. “Pula, irmão!” — retomavam em coro outras vozes sepulcrais que o eco repetia de quebrada em quebrada. Sem hesitação ele se atirara abismo abaixo, escuridão abaixo, morte abaixo... Mas não caiu nem dois palmos. Sentiu logo um perfume inebriante, alcatifa sob os pés, o amparo de braços amigos, luz, aconchego, vozes conhecidas: “Seja bem-vindo, irmão!”.

Esse lado de Juiz de Fora, revolucionário, irreverente, oposicionista, censurante e contraditor — dizia sempre não! ao outro, ao do alto dos Passos — conservador, devoto, governista, elogiador e apoiante. No primeiro ouvia-se o rompante do guelfo Duarte de Abreu, mau político

e invariavelmente bom homem (“Absolutamente!”), e no segundo a anuência do gibelino Antônio Carlos, bom político e variavelmente bom homem (“Perfeitamente, perfeitamente!”). Pois foi naquele lado fronda que nasci, às oito e meia da noite, sexta-feira, 5 de junho de 1903. Foram meus pais o médico cearense dr. José Pedro da Silva Nava e a mineira d. Diva Mariana Jaguaribe Nava, de nascimento, e apelido a sinhá Pequena. Aquele, filho do negociante maranhense Pedro da Silva Nava e da cearense d. Ana Cândida Pamplona da Silva Nava. Esta, do major da Biosa Joaquim José Nogueira Jaguaribe, também cearense, e da mineira da gema d. Maria Luísa da Cunha Pinto Coelho Jaguaribe. Sobre as famílias de meus pais e da enorme influência que elas tiveram em mim, muito terei que falar.

A memória dos que envelhecem (e que transmite aos filhos, aos sobrinhos, aos netos, a lembrança dos pequenos fatos que tecem a vida de cada indivíduo e do grupo com que ele estabelece contatos, correlações, aproximações, antagonismos, afeições, repulsas e ódios) é o elemento básico na construção da tradição familiar. Esse folclore jorra e vai vivendo do contato do moço com o velho — porque só este sabe que existiu em determinada ocasião o indivíduo cujo conhecimento pessoal não valia nada, mas cuja evocação é uma esmagadora oportunidade poética. Só o velho sabe daquele vizinho de sua avó, há muita coisa mineral dos cemitérios, sem lembrança nos outros e sem rastro na terra — mas que ele pode suscitar de repente (como o mágico que abre a caixa dos mistérios) na cor dos bigodes, no corte do paletó, na morrinha do fumo, no ranger das botinas de elástico, no andar, no pigarro, no jeito — para o menino que está escutando e vai prolongar por mais cinquenta, mais sessenta anos a lembrança que lhe chega, não como coisa morta, mas viva qual flor toda olorosa e colorida, límpida e nítida e flagrante como um fato presente. E com o evocado vem o mistério das associações trazendo a rua, as casas antigas, outros jardins, outros homens, fatos pretéritos, toda a camada da vida de que o vizinho era parte inseparável e que também renasce quando ele revive — porque um e outro são condições recíprocas. Costumes de avô, resposos de avó, receitas de comida, crenças, canções, superstições familiares duram e são passadas adiante nas palestras de depois do jantar; nas das tardes de calor, nas varandas que escurecem; nas dos dias de batizado, de casamento, de velório. (Ah! as conversas vertiginosas e inimitáveis

dos velórios esquentadas a café forte e vinho do Porto enquanto os defuntos se regelam e começam a ser esquecidos...)

Na linha varonil da minha família paterna essa guarda de tradições foi suspensa devido à sucessão de três gerações de morredores! A de meu Pai, que desapareceu aos 35 anos. A do seu pai, falecido aos 37. Meu bisavô, não sei com que idade morreu. Cedo, decerto, pois meu avô foi criado de menino por uma de suas avós ou tias-avós. É assim que cada uma dessas gerações ficou sabendo pouco das anteriores e não teve tempo de transmitir esse pouco às sucedentes. Por essa razão, também quase nada sei de meu avô paterno. O que se transmitiu até meu Pai e suas irmãs é que sua origem era italiana e que vinha de um certo Francisco Nava, que teria aportado ao Brasil no fim do século XVIII ou princípio do XIX. Ignoram-se seu nível social, as razões por que veio da Itália e que ponto do Brasil ele viu primeiro do paravante de seu veleiro. Onde desembarcou, onde se fixou, que ofício adotou? — tudo mistério. Como era, quem era, que era? Seria um revolucionário, um maçom, um liberal, um carbonário, um fugitivo? Onde e com quem casou? Nada se sabe. Dele só ficou o apelido. Essa coisa mística, evocativa, mágica e memorativa que o tira do nada porque ele era Francisco de seu nome; essa coisa ritual, associativa, gregária, racial e cultural que o envulta porque ele era Nava de seu sobrenome. O nomeado, porque o é, existe. Servo do Senhor, pode-se pedir por ele na missa dos mortos.

Da geração seguinte ficou alguma lembrança do filho de Francisco Fernando Antônio Nava, natural do Maranhão, pois é ali que nasceram, de seu casamento com d. Raimunda Antônia da Silva, não sei bem em que ordem, meu avô Pedro da Silva Nava e suas irmãs Maria Nava Rodrigues, Ana Nava Rodrigues e Paula Nava Guimarães. Das duas primeiras (de cujos maridos, ambos Rodrigues, não se conhecia parentesco) descendem os Nava Rodrigues do Maranhão, alguns dos quais deixaram o Rodrigues para conservar só o sobrenome que lhes veio do emigrante. Não ficou no nosso ramo notícia da descendência de Paula Nava Guimarães. Dela se sabe apenas o que se pode adivinhar da modéstia, do sacrifício e da utilidade da vida de uma mestra primária — que era esta sua profissão em Caxias.

Pedro da Silva Nava, meu avô, nasceu na freguesia de Nossa Senhora da Conceição de São Luís do Maranhão, a 19 de outubro de 1843, e foi batizado a 7 de setembro de 1844 na sua matriz, pelo reve-

rendo Raimundo Alves dos Santos, tendo como padrinho João Joaquim Lopes de Sousa e como madrinha d. Maria Euquéria Nava. Sua avó mulher do italiano Francisco? Sua tia? Em todo caso, pessoa que deve ter marcado o espírito de meu avô, que, não tendo repetido nos filhos o paterno Fernando Antônio, nem nas filhas o materno Raimunda Antônia, retomou, para sua caçula, o estranho nome da madrinha e da poetisa menor do quinto século. Cedo meu avô terá ficado órfão, pois foi ser criado por sua tia-avó que era também a avó de seu primo, irmão adotivo, compadre e melhor amigo — Antônio Ennes de Souza, homem por todos os títulos admirável que tive a vantagem de ter como influência na infância e mestre na adolescência. E tive outra prerrogativa: a de, menino, perceber a qualidade do homem com quem lidava.

Sendo Pedro da Silva Nava o único de meus avós acima do qual eu não podia subir senão duas gerações, parando no emigrante Francisco — esta porteira fechada sempre me encheu de curiosidade. Apesar das advertências de Henrique Pongetti contra a indústria peninsular do conto do vigário genealógico — passando pela Itália, em 1955, dirigi-me ao Studio Araldico Romano para ver se apurava alguma coisa da família. Obtive informação de sua origem milanesa e notícia de seus ramos, um dos quais, colateral do *comitale*, extinguiu-se no século XVIII com Gabrio ou Galzio Maria, bispo de Bréscia, e com um Francesco, de quem ainda havia notícia em torno de 1796.

*La Casata con detto Francesco fu creduta da taluni estinta, mentre altri vollero que Francesco espatriasse o por lo meno compisse lunghi viaggi lontano [...].*

Se esse Francesco Nava, expatriado e de longas viagens longínquas, é o mesmo Francisco Nava que deitou vergôntees no Maranhão (como as datas fazem acreditar), por ele podemos ir de geração em geração até o *Quattrocento* e até um coetâneo e homem do duque de Milão:

*Giuseppe, figlio di Mattiolo, fu tra quelli che presentarano giuramento di fedeltà a Giovanni Maria Visconti [...].*

E talvez ainda mais longe, pela mão de Francesco Grillo, que, na sua *Origine storica delle località e antichi cognomi della Repubblica di Genova*, dá o

nosso nome como de origem lombarda e menciona, como primeiro documento onde o mesmo aparece, a confirmação, de 14 de fevereiro de 1192, da convenção concluída entre os cidadãos de Alessandria e Gênova em 4 de fevereiro de 1181. Entre as de outros *testi giurati* da primeira consta a assinatura de um Nava.

A notícia genealógica que me foi fornecida à fé do marquês Duranti d'Assoro, diretor do Studio Araldico Romano, mostra os Nava da Itália divididos em dois ramos. Um, morgado, *comitale*, brilhante e engrandecido pelas alianças adquiridas com senhoras de alto lá com elas (*del marchese Piantanida, del marchese d'Adda, del marchese Parravicini, del marchese Mantegazza* etc. etc.) e o outro de menor relevo e entre cujos membros predominavam os detentores de juspatronatos, de prelazias e de prebendas eclesiásticas. Era este o de Francesco-Francisco. Como toda família de todo lugar, os Nava atuais da Itália têm seus altos e baixos. No princípio deste século falava-se muito num papável — o cardeal Nava. Em Bolonha estive no armazém de um Nava que vendia todas as variedades de *pasta asciutta* e também tive notícia da condessa Nava, uma das dez mais da mesma douta cidade. Em Milão comprei aspirina na Farmácia Nava. Em Roma aplaudi “Le Tre Nava” — trinca de irmãs artistas de variedades, filhas de casal circense, e admirei a habilidade artesanal do marceneiro Nava, proprietário do Mobilificio di Cantù, ali mesmo na piazza Navona. E todos, com a púrpura de príncipe da Igreja, com a coroa contal, com a blusa de farmacêutico, com os ouropéis de palhaço ou com o macacão de operário, podiam usar o *stemma* familiar —

*troncato: al primo d'oro all'aquila di nero coronata del campo; al secondo di rosso all'aquila d'oro, coronata dello stesso.*

Meu avô, negociante e dono de casa comissária, provavelmente nem sabia desses brasões. Sua grandeza, como se verá, vinha das qualidades — de que basta o homem ter uma — para tornar-se merecedor da vida. A retidão, a bondade, a inteligência. O maranhense Pedro da Silva Nava tinha as três. E outra mais, que não legou aos seus descendentes — uma harmoniosa beleza física.

Do tataravô Francisco ficaram o nome, a nacionalidade e o ponto de partida para a hipótese genealógica. Do bisavô Fernando, o que se pode tirar da certidão de batismo de meu avô. Esse documento dá a

seu pai uma esposa — d. Raimunda Antônia da Silva; um local de residência — a freguesia de Nossa Senhora da Conceição de São Luís do Maranhão; uma confissão religiosa — a de católico, apostólico, romano; um sentimento nacional e uma admiração política. De fato, num tempo em que o batismo vinha logo depois do nascimento, meu avô esperou quase um ano para receber os santos óleos e ser chamado Pedro num dia 7 de setembro. E o Pedro, patrono do catecúmeno, não seria o nosso segundo monarca, que à época ainda não dissera muito a que tinha vindo, mas, certamente, o primeiro (homenagem ao Príncipe da Independência e demonstração de antagonismo — velha de duas décadas — às truculentas juntas provisórias do Norte e ao odioso sargento-mor Fidié). Mostra ainda espírito de família e compostura, pois a escolha dos padrinhos do filho não foi feita buscando compadrios importantes, mas, vinculando mais, gente de sua família e próxima do seu coração. Já do avô Pedro da Silva Nava possuo retratos, cartas e as reminiscências que colhi de minha avó, de tios, tios-avós e de um seu caixeiro — José Dias Pereira, pai de conhecido médico do Rio de Janeiro, o dr. Adolfo Herbster Pereira.

Ficaram dele quatro retratos. Um, feito no “estabelecimento fotográfico” de L. Cypriano (que era à rua dos Ourives, 34), indica uma viagem à Corte pelos 1862 a 64. Representa um rapaz de dezoito a vinte anos, cabeleira à Castro Alves, barbicha e bigodes nascentes, sobrecasaca de mangas bufantes, punhos pregueados e a mão direita segurando a cartola clara contra o peito. Outro, óleo de Vienot, é de circunstância e de casamento, pois faz par com quadro congênere da mulher. Deve datar de 1871. O terceiro será de 1875, pois é fotografia feita durante sua viagem à Europa. Curiosa fotografia, diferente das convencionais que se usavam então. Ele, minha avó e o casal Ennes de Souza aí estão posando ao ar livre e à neve. O último, muito nítido, mostra-o na força do homem, os cabelos ondedados, a testa alta e sem nuvens, o oval perfeito do rosto, os olhos rasgados, o nariz direito, bigodes e barba curta à Andó, boca bem traçada, expressiva e forte. Exatamente a figura daquele Rodolfo Valentino que subiu aos céus da Broadway pelos 20 — substituindo-se o ar bandalho e lubrifico da fisionomia deste por uma expressão de majestosa calma e de ideal serenidade.

Esse retrato é que ficou como documento comemorativo, como *ancestral tablet* chinesa, para veneração do deus lar que continuará a